

A ética social em meio a uma crise pandêmica

*Robson Ribeiro de Oliveira Castro Chaves*¹

Resumo: Diante da realidade vivida com a pandemia da Covid-19, a relação do ser humano com seus familiares e amigos tomou outro significado. Vivemos o isolamento social para nos proteger, mas algo que emergiu foi o fosso social, ou seja, enquanto a fome avança, cresce o número de bilionários. Neste artigo, buscar-se-á analisar os problemas sociais que afloram na realidade atual. Assim, analisar-se-ão os problemas envolvendo também a pastoral, a igreja doméstica e a comunidade em situação de pandemia. Além disso, observaremos a realidade político-econômica e os problemas sociais diante desse contexto, juntamente com os discursos do Papa Francisco e sua preocupação frente aos desafios do isolamento social e a condição pandêmica. Buscar-se-á entender os desafios do fosso social das classes e a ética social no desenvolvimento humano e as perdas humanas pelo vírus ao longo dos dias. Utilizar-se-ão pronunciamentos do Pontífice e outros textos que colaboraram para o desenvolvimento do tema.

Palavras-chave: Ética Social. Pandemia. Covid-19. Isolamento Social. Papa Francisco.

INTRODUÇÃO

O mundo mudou. Visivelmente é possível observar nas ruas e no rosto de cada um, seja pelo uso das máscaras, seja pelo semblante de apreensão de todos e todas que sofrem com o isolamento social. Em meio à situação de isolamento social ocasionada pela pandemia da Covid-19, ocorreram grandes e necessárias mudanças no comportamento dos indivíduos.

A crise ocasionada pela pandemia mostrou sua face mais cruel: o fosso das classes sociais. É preciso observar as condições próprias que cada classe enfrenta e a realidade que hoje presenciamos. Por isso, nos debruçaremos para analisar as transformações que o isolamento social provocou na realidade da pastoral, das famílias e da comunidade. As relações se tornaram virtuais, evitando o contato físico, aumentando o isolamento social.

A ética social nos apresenta a condição mais humana de ação em uma sociedade do descarte. Para tanto, nosso debate será permeado pelas aloções e mensagens do Papa Francisco, além de apresentarmos seu posicionamento e suas admoestações quanto à proposta de um mundo mais ético, humano e atento aos mais frágeis e aos que sofrem. Proporemos uma análise da atual realidade e da ação de cada ser humano frente ao individualismo e à autorreferencialidade.

Por fim, buscaremos observar o que o Papa Francisco, com sua constante preocupação com o ser humano, e uma ética social pautada no envolvimento do ser humano na sociedade

¹ Mestre em Teologia pela FAJE, professor de Teologia do Instituto Teológico Franciscano – ITF, em Petrópolis (RJ). E-mail: <robsonrcaastro@yahoo.com.br>.

e sua realidade frente aos desafios da atualidade e da pandemia que contabiliza seus mortos a cada dia.

1 A PANDEMIA, O INDIVIDUALISMO E O DISTANCIAMENTO SOCIAL

A crise que estamos vivendo é uma crise sem precedentes. Não é novidade que se faz necessário observar o caminho que estamos atravessando e a realidade que vivemos ao longo do descompasso da vida frente aos problemas políticos e sociais de nossa contemporaneidade. A sociedade excludente não corrobora para a esta igualdade, já que estamos muito longe daquilo que deveria ser a justiça social em uma sociedade onde todos têm direitos iguais, independentemente do poder aquisitivo ou posição social.

A pandemia da Covid-19 já ceifou milhões de seres humanos no Brasil; trata-se de uma realidade profundamente desafiante. A história mudou; a vida se tornou algo sem sentido para muitos e, em meio à pandemia da Covid-19, nos apresenta a necessidade de uma renovação e aproximação dos laços humanos.

Hoje encontramos uma realidade mais dura e difícil. É fato que, diante da situação de isolamento social, muitos homens e mulheres chefes de família perderam seus empregos e ficaram à mercê de auxílios governamentais ou da caridade de outras pessoas que generosamente colaboram.

Atrelado à pandemia e à condição existente, as famílias precisaram se reinventar e, além de sofrerem com a realidade da escassez de trabalho, a fome voltou a ser o cenário de milhões de brasileiros, mas, ao mesmo tempo aumentou o número de bilionários. (cf. ROCHA, 2021) Neste período de isolamento social, o distanciamento entre as classes comprometeu o bem da sociedade.

Não podemos depreciar o número de mortos, que em junho de 2021, ultrapassou a marca dos 500 mil mortos. Muitos perderam suas vidas devido ao descaso do governo e ao distanciamento social das classes mais pobres e que necessitam sair para trabalhar todos os dias, colocando-se em risco. São pessoas que sofreram as consequências diretas dessa difícil realidade. De fato, esta realidade é cruel. Portanto, devemos alertar que são vidas humanas que sucumbiram pela Covid-19; não são somente números, são vidas!

O ser humano, autônomo e dotado de consciência, age conforme suas decisões e é influenciado por líderes políticos e religiosos. Desta forma, ele não se importa com vidas perdidas e se torna muito cruel. Hannah Arendt, filósofa política, em seu livro “A condição humana”, afirma que “O fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável”. (ARENDT, 2002, p. 191). Com esta citação, podemos observar que o ser humano pode agir da forma mais cruel, sendo individualista, egocêntrico e desrespeitoso com aqueles que sofrem a perda de alguém da família e o luto nesse período de isolamento no período de pandemia da Covid-19. Por

isso, analisar a pandemia que vivemos se torna algo necessário, atual e de grande importância, principalmente no tocante à dor dos que sofreram alguma perda.

Infelizmente a indiferença se tornou o editorial da vez (MAAKAROUN, 2020); o descaso com as mortes e o aumento da desigualdade social não nos assusta mais. Estamos inebriados pelo descaso do governo e a falta de preparo dos líderes brasileiros. Tal realidade nos convoca a refletir e compreender o que acontece com a sociedade que passa pelos seus mortos que vão se empilhando sem nada mudar o seu posicionamento, nem mesmo se comover com os que choram pelo caminho.

De fato, quando nos furtamos de assumir nossas responsabilidades nos colocamos fora da realidade da nossa consciência humana. Na situação pandêmica que vivemos, o primordial é lutar pela vida humana que está sendo desprezada, pois essas vidas importam!

Para tanto, refletir tal tema é urgente frente aos debates na realidade e sobre a condição do ser humano. De fato, observamos que o indivíduo hoje vive numa realidade difícil e à mercê de inúmeras *fake news*. É preciso ter uma consciência ética evitando o que impera hoje, como o descaso. A vida não pode ser tratada como uma mercadoria, descartável como um mero objeto.

Diante da realidade apresentada, observamos o fim da empatia com seu semelhante: outro ser humano que tem necessidade e sofre com as perdas. Nesta realidade, observamos que o Brasil tem sofrido com a pandemia, que já contabiliza mais de 500 mil vidas perdidas. Diante desta realidade, não há mais comoção pelas mortes, muito menos pela situação vivida, devido à indiferença. Para grande parte da sociedade, as mortes são como um carvão que se queima e no fim é jogado no lixo. Dura constatação: a falta de zelo e individualismo cruel.

Para tanto, é necessário observar a realidade de uma condição frente ao desafio imposto. O ano de 2020 foi marcado por muitos planos, projetos, viagens, encontros desmarcados, isso tudo foi necessário para proteger a vida. Assim também foi o ambiente dentro das igrejas e das pastorais. Necessitamos de uma transformação para que, juntamente com o povo, saibamos como viver este conflito e a diversidade que nos compromete a sermos mais autênticos seres humanos.

2 A COMUNIDADE E A IGREJA DOMÉSTICA

A realidade de uma Igreja autorreferencial e uma Igreja que se acha o centro é um problema que assola nossa cultura. O individualismo e a falta de zelo pelo próximo transformaram nossas comunidades, nossas paróquias, grupos e certos movimentos dentro da Igreja. A pandemia, colocando-nos em isolamento dentro de nossas casas, mostrou que precisamos nos reinventar e escutar o clamor de nosso tempo. A teóloga Maria Inês de Castro Millen nos apresenta, de forma direta, as consequências da autonomia do sujeito na modernidade e o risco do individualismo e a autorreferencialidade:

A modernidade, com seus desdobramentos, traz como um de seus fundamentos a autonomia dos sujeitos pensantes. A concepção de indivíduo moderno é a de um ser uno, livre, autônomo e responsável pelos seus atos. Isto é positivo, pois liberta o sujeito de um coletivismo que lhe rouba a liberdade de ser ele mesmo, de ter identidade própria. No entanto, este conceito positivo de autonomia possibilitou o que hoje conhecemos por individualismo ou por autorreferencialidade, situação do sujeito que só se move em torno de si mesmo, que desenvolveu um ego narcísico, que não enxerga e não considera nada que não esteja referenciado a ele mesmo ou que seja seu reflexo. (MILLEN, 2019, p. 80).

Desta forma, atento ao clamor do povo, a Igreja precisa ser testemunha de Jesus vivo e presente em nosso meio. Os desafios do cotidiano são enormes e, frente ao contexto, uma grande percepção do que realmente importa: a dignidade humana. Somos chamados a nos colocar no processo de reinvenção do dia a dia. Novas atitudes e novo jeito de ser e viver, como tratar o nosso irmão. “Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade.” (FRANCISCO, 2020, n. 8).

O Papa mostra a necessidade de se observar a realidade à luz do Evangelho, como no caminho feito pelo Samaritano ao ajudar aquele que estava caído à beira da estrada. Francisco afirma que, nesta parábola, o ícone que colabora para o entendimento de uma “opção fundamental que precisamos tomar para reconstruir este mundo que nos está a peito. Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano.” (FRANCISCO, 2020, n. 67).

Neste contexto, diante do que realmente importa hoje, vivemos um período de grande descarte, vivemos o caminho de uma sociedade que se acostumou ao aceleração dos grandes centros urbanos; estamos sempre com pressa e sem tempo, voltados para dentro de nossos pequenos mundos, que nos levam a fugir da realidade.

A igreja doméstica é um caminho real de manutenção de nossa fé, por isso, pensar na casa como lugar privilegiado é quando observamos que

A Igreja nas casas, na experiência dos primeiros cristãos, garantia o senso de pertença à família de Deus (Mc 3,31-35), já não importando ser judeu ou grego, escravo ou livre, homem ou mulher, mas somente ser de Cristo (Cl 3,11; Gal 3,28). Entre eles ninguém passava necessidade, pois tudo era partilhado e distribuído conforme a necessidade de cada um (At 4,34-35). (CNBB, 2020, n. 76).

Diante deste contexto pandêmico, a Igreja-templo está de portas fechadas, mas é na igreja pessoa viva e atuante na sua casa que Jesus se faz presente como já afirmava com seus

discípulos. Por isso, é preciso recuperar o clamor do povo que busca a comunhão entre seus membros: “As comunidades que se reuniam nas casas eram organizadas, a partir de uma ordem fraterna, com participação ativa das mulheres, e cuidado especial para com os membros mais fracos e pobres.” (CNBB, 2020, n. 77).

Não pretendo padronizar as famílias, as casas e os lares; nossa proposta é revelar a necessidade de buscar alternativas para nos manter atuantes, mesmo dentro de nossas casas. Há problemas sérios nas camadas mais inferiores das classes sociais a serem debatidos sobre o fosso social das classes, entretanto, é preciso olhar para o contexto da pandemia. Maria Clara Bingemer, professora de Teologia da PUC Rio, afirma: “Muitas casas passaram a ser verdadeiras igrejas domésticas. Por isso, não se pode dizer que as igrejas estavam fechadas, porque as casas faziam brilhar em si as notas características de toda comunidade eclesial”. (BINGEMER, 2020).

Por isso, a casa era um lugar especial e hoje, devido à pandemia e ao isolamento social, se tornou um local de escuta, partilha e promoção de um diálogo. A casa, espaço familiar, foi um dos lugares privilegiados para o encontro e o diálogo de Jesus, Ele estava presente nas casas, como na casa de Pedro para curar sua sogra. (Cf. Mt 8,14).

Nos Evangelhos, Jesus partilhava a mesa com publicanos e pecadores: como na casa de Mateus (Cf. Mt 9,10) e na casa de Zaqueu (Cf. Lc 19,5). Esses trechos e tantos outros nos ajudam a entender que era nas casas que Jesus atuava e ia ao encontro dos que o procuravam. (cf. CNBB, 2020, n. 73).

Diante desta realidade, atentos às dificuldades de cada momento, a casa se torna um ambiente propício para o encontro “A casa é assim assumida como lugar para cultivo e vivência dos valores do Reino.” (CNBB, 2020, n. 7).

Observando o caminho traçado pelos Evangelhos, foi nas casas que se pôde observar o desdobramento do surgimento da igreja, da comunhão e do convívio entre os seus membros. “A casa permitiu que o cristianismo primitivo se organizasse em pequenas comunidades, com poucas pessoas, que se conheciam e compartilhavam a mesa da refeição cotidiana. A hospitalidade era aberta também a pecadores e pagãos”. (CNBB, 2020, n. 80).

Nesta perspectiva, encontramos a comunidade eclesial inserida nas casas, como antes era celebrado pelos primeiros cristãos. No livro dos Atos dos Apóstolos, observamos a relação dos cristãos nas casas onde partilhavam tudo e ouviam a Palavra. Deste modo, “a partir do encontro com a Palavra e da experiência de vida fraterna na comunidade que se reúne na casa, as pessoas são introduzidas no processo da iniciação da vida cristã.” (CNBB, 2020, n. 89).

De fato, é urgente analisar a transformação ocorrida em tempos pandêmicos. Com o fechamento das igrejas e o isolamento social, o espírito de uma igreja comunitária permaneceu vivo; os encontros, que por agora estão nas casas, promovem o diálogo, mesmo com suas imperfeições: “Esse espaço onde a família se reúne, cozinha, lava e passa, come e bebe, conversa,

briga, chora, pede perdão, se arrepende, ri, ouve música, vê televisão, esse é o espaço da celebração da fé, da memória subversiva e perigosa de Jesus de Nazaré.” (BINGEMER, 2020).

Para tanto, o cenário hoje frente à pandemia nos coloca a reflexão de que devemos olhar nosso espaço e nossa vida, reconhecer o caminho de discípulos e discípulas observar, os “sinais dos tempos”, como já demonstrado pelo Concílio Vaticano II. Além desses aspectos, é preciso observar a realidade de uma conduta moral autêntica e que seja “alimentada pela Sagrada Escritura, deve revelar a grandeza da vocação dos fiéis em Cristo e a sua obrigação de dar frutos na caridade para vida do mundo”. (OPTATAM TOTIUS, 2001. n. 16).

Frente a essas realidades, mudanças necessárias e o clamor de uma igreja que cresce dentro dos lares, como nos primórdios do cristianismo, o período de transformações e renovações que estamos vivendo nos compromete a refletir a condição de voltar nossos olhos para a casa e, se possível, viver no ambiente familiar o lugar de uma igreja doméstica. “O vírus nos trouxe de volta para casa e foi possível olhar nos olhos uns dos outros, ver que ali era nosso lugar eclesial, nossa igreja âncora e primeira”. (BINGEMER, 2020).

Papa Francisco nos convoca à reflexão de uma transformação e preocupação com os mais fragilizados. Assim, deseja uma ética pautada no outro, um desejo de se fazer viver a condição de povo de Deus, sendo aqueles que escutam o clamor dos mais necessitados, como Jesus escutou o seu povo.

3 ÉTICA SOCIAL DE FRANCISCO EM MEIO À PANDEMIA

Desse período de pandemia e da realidade vivida em todo o mundo, a figura de Francisco nos dá um norte frente ao que é necessário. Por isso, que atendendo ao clamor dos sinais dos tempos, desde o início do seu pontificado, Francisco se preocupa com a necessidade de uma “Igreja em Saída” (cf. FRANCISCO, 2013, n. 20-24). Assim apresenta-nos a realidade de uma conversão missionária e de zelo e cuidado com os mais frágeis de nossa sociedade, principalmente com os que sofrem.

Francisco se preocupa com a cultura do descarte que compromete o desenvolvimento humano. Desta forma, se atenta aos problemas sociais e às realidades apresentadas. A ética cristã propõe uma atuação do indivíduo frente aos problemas sociais e ao Bem Comum. O ser humano vive uma realidade de descarte, algo que é denunciado pelo Papa argentino:

O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que aliás chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. (FRANCISCO, 2013, n. 53).

Francisco convoca à reflexão diante da pandemia do novo coronavírus; apresenta-nos a proposta de um autêntico caminho de discípulos e atuantes na vida social, evitando o individualismo, não se preocupando em ser o centro, muito menos em ser os primeiros, mas sim os últimos, se colocando no lugar de servos para compreender as dores deste mundo dos mais frágeis.

Francisco é categórico e assevera que: “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças”.(FRANCISCO, 2013, n. 49). Para tanto, em consonância a esta afirmação, Francisco nos convoca à reflexão deque o verdadeiro poder está no serviço, na fraternidade e no zelo pelo outro.

Desta forma, a pandemia e os desafios sociais como: desemprego, fome e o aumento da desigualdade social, nos convocam a uma reflexão de real necessidade de um mundo novo. Entretanto, esta realidade só será possível se o ser humano encontrar novos hábitos, novos projetos e o respeito por tudo que é mais sublime: a vida. Um mundo novo só será possível se construirmos, em cada um de nós, a mudança que esperamos. Assim, com este cenário, Francisco é enfático ao afirmar que

Encontramo-nos mais sozinhos do que nunca neste mundo massificado, que privilegia os interesses individuais e debilita a dimensão comunitária da existência. Em contrapartida, aumentam os mercados, onde as pessoas desempenham funções de consumidores ou de espectadores. O avanço deste globalismo favorece normalmente a identidade dos mais fortes que se protegem a si mesmos, mas procura dissolver as identidades das regiões mais frágeis e pobres, tornando-as mais vulneráveis e dependentes. Desta forma, a política torna-se cada vez mais frágil perante os poderes económicos transnacionais que aplicam o lema “divide e reinarás”. (FRANCISCO, 2020, n. 12).

Nesta realidade, é preciso observar a condução ética frente aos desafios do dia a dia. Por isso, Francisco é enfático ao afirmar que a fraternidade é a expressão da união da família de Deus e o “mundo existe para todos, porque todos nós, seres humanos, nascemos nesta terra com a mesma dignidade.” (FRANCISCO, 2020, n. 118).

Assim, frente à cultura conservadora e promotora do descarte humano, os mais pobres e excluídos sofrem com as mazelas de uma política estérea e longe de atentar-se para as periferias. Por isso, é urgente pensar a realidade e o que é preciso se fazer para que se possa propor uma mudança na realidade dos problemas sociais.

É preciso reconhecer a necessidade de lutar pelos mais frágeis e descartados. A sociedade precisa ser curada do individualismo e do descaso com o próximo, é preciso olhar para os que estão caídos à beira do caminho. “Habitamo-nos a olhar para o outro lado, passar à margem, ignorar as situações”. (FRANCISCO, 2020, n. 64).

Atento à realidade do ser humano hoje, Francisco se coloca a escutar o povo, a rezar junto dele e a se compadecer das suas dores. Como um bom pastor, busca na sociedade os feridos e lhes dá um sopro de esperança. Sendo assim, a sociedade ferida precisa ser curada, não apenas de doenças físicas, mas de doenças sociais como a pobreza, a exclusão social e as diversas formas de escravização deste mundo.

CONCLUSÃO

A ética social nos leva a refletir a ação moral do ser humano frente à realidade vivida. Jesus, respondendo a realidade do seu tempo, frequenta as casas, cura, ceia, admoesta, prega e, acima de tudo, acolhe os que chegam. Assim, neste período de pandemia da Covid-19, é possível observar uma realidade de que a casa é o ambiente propício para o encontro.

De tal forma, contra o individualismo e o distanciamento social, a igreja doméstica, ao contrário do que se pensa, não se fechou em si, mas se abriu a escutar o clamor dos mais frágeis, a rezar por eles e a dialogar com os membros da casa. Como o exemplo de Jesus que estava nas casas, auxiliando e vivendo com o povo, nós precisamos mudar e olhar para dentro dos lares e viver o período de isolamento social em nossas casas.

Hoje, mais do que nunca, é necessário fazer o caminho de uma autêntica escuta, ouvindo os problemas da sociedade em que vivemos, assim como Jesus, e atentarmos às realidades dos mais frágeis: escutá-los e acolhê-los. Nesta proposta de um caminho lado a lado com o povo, em suas casas, a pandemia retorna a este ambiente onde a igreja doméstica é o caminho autêntico de um convívio social.

De fato, diante da pandemia, é preciso ouvir, parar e se concentrar no que realmente importa: cuidado com o outro, como Francisco apresenta em sua atuação na Igreja e nas igrejas domésticas. Destarte, a igreja persevera, mesmo com as dificuldades nos relacionamentos, mas nunca deixando de lado a proposta de se suportarem mutuamente e buscarem a mudança necessária para o mundo. Assim, respondendo ao clamor do Evangelho, Francisco promove uma ética social, encarnada na vivência cotidiana, pautada na acolhida e no respeito humano.

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. São Paulo: Forense Universitária, 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Igreja hoje: do templo para casa. *Jornal do Brasil*. Disponível em: <https://www.jb.com.br/pais/artigo/2020/07/1024481-igreja-hoje--do-templo-para-casa.html>. Acesso em: 25abr. 2020.

ROCHA, Lucas. Enquanto fome avança, número de bilionários cresce no Brasil, e seu patrimônio dobra. *Brasil de Fato*. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/04/06/enquanto-fome-avanca-numero-de-bilionarios-cresce-no-brasil-e-seupatrimonio-dobra#:~:text=N%C3%BAmero%20de%20super%20ricos%20no,219%2C1%20bilh%C3%B5es%20de%20d%C3%B3lares&text=A%20revista%20>

Forbes%20divulgou%20nesta,Bilion%C3%A1rios%20do%20Mundo%20de%202021. Acesso em: 09 jun. 2021.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 – 2023*. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2020.

MAAKAROUN, Bertha. A morte da empatia e a vitória da indiferença. *Estado de Minas*. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/pensar/2020/08/14/interna_pensar,1175936/a-morte-da-empatia-e-a-vitoria-da-indiferenca.shtml. Acesso em: 09 jun. 2021.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO. Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Loyola, 2020.

MILLEN, Maria Inês de Castro. O desafio da Teologia Moral na superação de uma ética individualista. *Revista Teologia em Questão*, Taubaté-SP, n 35, p. 77-91, 2019.

OPTATAM TOTIUS. In: *Compêndio do Vaticano II*. Constituições, decretos e declarações. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.